



O futuro a partir da extensão: caminhos e possibilidades de atuação a partir da biblioteca - ações da UFPA/*Campus* de Ananindeua, Região Metropolitana de Belém

The future from the extension: paths and possibilities of action from the library - actions of the UFPA/*Campus*, Metropolitan Region of Belém

Cleide Dantas, Universidade Federal do Pará - cleidedantas@ufpa.br
Elida Moura Figueiredo, Universidade Federal do Pará - elidamoura@ufpa.br

Eixo Temático 1: Não deixar ninguém para trás

INTRODUÇÃO

O texto aborda as experiências de pesquisa e extensão realizadas no âmbito da Biblioteca Universitária “Benedicto Monteiro” do *Campus* de Ananindeua da Universidade Federal do Pará (UFPA), que serviram para consolidar a criação de um setor voltado especificamente para atuar com os projetos de pesquisa e extensão direcionados às comunidades pouco assistidas em temas ligados a criação e ao desenvolvimento de acervos bibliográficos em espaços públicos, prestando orientações técnicas por meio de visitas e cursos de treinamento. Nesse sentido, a criação do referido setor se justifica tendo em vista o cumprimento do papel importante que a biblioteca pode desempenhar para a construção e consolidação de um futuro diverso, inclusivo e sustentável para todos os povos.

MÉTODO DA PESQUISA

Trata-se de um relato de três experiências de ações de pesquisa e extensão desenvolvidas no âmbito da Biblioteca Benedicto Monteiro nos anos de 2016, 2017 e 2019. As duas primeiras foram experiências voltadas para a capacitação e atualização dos professores das escolas da rede pública de ensino infantil e fundamental no município de Ananindeua-PA, para auxiliá-los na formação de leitores das séries



iniciais; a última, realizada no vilarejo do 40 do Mocooca, município de Maracanã, região do salgado paraense.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *Campus* de Ananindeua da UFPA foi criado através da Resolução nº 717, de 12 de agosto de 2013, e se constitui em um espaço de ensino e formação superior que surgiu com a proposta de investir na formação profissional e tecnológica, em atenção às transformações sociais que se apresentam no Estado do Pará.

Localizado no município de Ananindeua, o *Campus* atende toda a Região Metropolitana de Belém, área que compreende, além de Ananindeua, os municípios de Marituba, Benevides, Santa Isabel, Santa Barbara, bem como outras localidades, como o distrito de Benfica, podendo atender outros municípios mais próximos, como Santo Antônio do Tauá, Vigia, Colares, São Caetano de Odivelas, Curuçá, São João da Ponta, Bujaru, Terra Alta e Marapanim. O *Campus* surge com a função de alavancar as potencialidades da região metropolitana e cidades adjacentes, com a formação de mão de obra qualificada (UFPA, 2022).

A biblioteca localizada no *Campus* foi inaugurada em 2015, recebendo o nome “Benedicto Monteiro” em homenagem ao escritor e político importante do cenário paraense. Criada para atender as demandas de cursos tecnológicos, inicialmente implantados, atualmente, também oferta produtos e serviços aos cursos de bacharelado e as licenciaturas, além da pós-graduação. Integra o Sistema de Bibliotecas da UFPA, composto por 37 bibliotecas universitárias.

Diante disso, começaram a surgir possibilidades de ações de pesquisa e extensão para serem realizadas por meio da Biblioteca, as quais foram de fato iniciadas em 2016, com o projeto “Escolas e bibliotecas escolares no município de Ananindeua: realidade e perspectivas – conhecer para dinamizar”, tomando por base a necessidade de compreensão e participação em um processo educativo, cultural e científico local, objetivando a articulação entre universidade e a sociedade, ou seja, a extensão como parte integrante do tripé ensino, pesquisa e extensão, missões de todas as Instituições de Ensino Superior e de seus espaços de dinamização de acervos em todo país.



Importa dizer que o campo de atuação da biblioteca em instituições de ensino superior não se restringe a um espaço de apoio ao ensino, a pesquisa e a extensão intramuros, estendendo-se a possibilidade de incluir e dar suporte a toda uma comunidade no entorno desenvolvendo ações de pesquisa e extensão, especificamente, relacionadas às competências em informação.

Embora esta experiência tenha iniciado de maneira informal, atualmente as ações vão além dos muros institucionais em uma tentativa de preencher lacunas de ausência de atuação do estado relacionadas à inclusão e acessibilidade ao livro em prol da formação de leitores, tanto em escolas situadas em regiões afastadas dos centros urbanos, como aquelas de difícil acesso, seja por estradas de terra, seja por estradas de água, como é o caso da utilização dos rios como estradas na Amazônia.

Diante disso, a primeira versão projeto, ainda em 2016, teve como objetivo principal, conhecer a realidade das escolas municipais de Ananindeua com relação a existência e atuação de bibliotecas e/ou salas de leitura, buscando conhecer o papel desses espaços no processo de aprendizagem de crianças e jovens no município, e a partir do conhecimento dessa realidade propor ações em parceria com as próprias escolas no sentido de auxiliá-las no processo de criação e/ou integração, valorização e dinamização desses espaços visando contribuir com a comunidades escolar, bem como com as áreas do seu entorno.

O projeto foi contemplado no edital do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX 2016/UFPA), iniciando os trabalhos com uma primeira atividade de diagnóstico via proposição de ações de capacitação para os profissionais responsáveis pelos espaços de leitura nas escolas.

No diagnóstico feito pela equipe do projeto, foram encontrados 104 espaços educativos, entre escolas e anexos, como são chamados os espaços de educação infantil. Nesse cenário, 32 mil alunos estavam regularmente matriculados no município e distribuídos em: séries iniciais e finais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos (ANANINDEUA, 2016).

A partir do universo encontrado, decidiu-se priorizar informações com base na amostragem de 43 escolas, das quais cinco possuíam bibliotecas e as demais tinham apenas os espaços de leitura, nem sempre utilizados de forma adequada. Desse



restante, em onze espaços havia professores lotados para dinamizar ações de incentivo à leitura, mas nenhum bibliotecário. As informações levantadas apontavam para o seguinte quadro: em todo o município, apenas dois bibliotecários se revezavam para atender as demandas de todas as escolas municipais em ações relacionadas a construção e dinamização de acervos.

Com o cenário posto, as ações de fato iniciaram com encontros e oficinas de motivação e capacitação de professores de toda rede municipal pública de Ananindeua, especialmente os que atuavam na educação infantil e no ensino fundamental, a partir das informações sobre o quantitativo de professores e alunos matriculados.

No primeiro encontro, foi elaborado de maneira participativa um calendário de oficinas propostas pelo projeto, levando-se em consideração o curto espaço de tempo e a necessidade de encaixar as atividades no calendário escolar já montado, de forma que não prejudicasse o planejamento do ano letivo em andamento.

Assim, foram realizadas quatro oficinas, as quais contaram com a participação de 150 professores, uma média de 37 por oficina, além dos eventos de apresentação e de culminância do projeto, o primeiro realizado em abril e o último em dezembro de 2016, sempre acontecendo no período da manhã, de 8h às 12h, no próprio auditório da Secretaria Municipal de Educação de Ananindeua, com a presença dos professores, da equipe do projeto e de uma mediadora voluntária.

Osicineiros/professores foram orientados pela coordenação do projeto a buscarem temas que abordassem questões atuais e importantes para o cotidiano das relações na escola e na família, sempre com uso de materiais alternativos e de baixo custo para decorar os espaços de leitura, estimulando a imaginação e a criatividade dos alunos.

Os temas definidos eram pensados para contemplar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas. Trabalhos como, a entonação da voz e a postura corporal na contação de histórias, incluíam temáticas voltadas para as relações de gênero e etnicorraciais, e as relações do ser humano com o meio ambiente, com sua casa, com seu quintal, com seu vizinho,



com seus colegas, na relação com o lixo que as famílias produzem, foram sempre colocados a partir de contos infantis.

A metodologia de debates, reflexão e construção de objetos que pudessem ser utilizados nas escolas para estimular a compreensão dos assuntos abordados, foi riquíssima e bastante proveitosa nos resultados obtidos em todas as ações. Diante dos resultados positivos nesta primeira fase, a equipe resolveu seguir as ações com a elaboração e submissão de uma nova proposta, que foi desenvolvida em 2017, em uma segunda versão aprovada no mesmo edital PIBEX 2017/UFPA, e também contemplado com uma bolsa, sob o título “Bibliotecas, salas de leitura e salas de aulas: possibilidades de atuação no incentivo à leitura nas escolas públicas municipais de Ananindeua-PA”.

Nesta fase, os objetivos eram principalmente dar prosseguimento as ações em parceria entre a UFPA e o município de Ananindeua, por meio de atividades com os mesmos critérios e padrões do ano anterior.

Alguns pontos considerados de extrema importância no processo de execução das atividades foram a mobilização de profissionais de áreas diversas, docentes e técnicos, bem como de estudantes de graduação da UFPA nas ações extensionistas no *Campus*. Sobre isto, reafirma-se o que é dito por Ferreira (2012), sobre as iniciativas de extensão no Brasil desenvolvidas a partir de bibliotecas universitárias, as quais ainda são tímidas diante das demandas sociais relacionadas ao acesso à cultura escrita e à informação. Tal situação, justifica o desenvolvimento de projetos como estes que vem tentando preencher parte de uma lacuna de ações extensionistas na Região Metropolitana de Belém do Pará, que visam construir "relações com a comunidade que vive fora dos muros desta Instituição de Ensino Superior (IES)" (FERREIRA, 2012, p. 81).

Os dois anos de atividade foram o ponto inicial do processo de criação de um pequeno acervo que contemplasse uma comunidade pesqueira no município de Maracanã, o Vilarejo do 40 do Mocooca, comunidade distante de Ananindeua, aproximadamente 170km. O trabalho foi desenvolvido entre os anos de 2018 e 2019, em uma escola pública municipal de ensino infantil e fundamental, onde pode-se criar, organizar e disponibilizar localmente, um acervo voltado para as séries iniciais, bem



como dar suporte e treinamentos com orientações voltadas para o seu gerenciamento e dinamização por parte dos professores que lá atuavam. Essa experiência se deu a partir de um primeiro contato de pesquisa de doutorado de uma das autoras deste relato, ocorrida entre os anos de 2018 e 2022.

No primeiro contato com a comunidade, foi realizada a visita à escola local, Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental “Jarbas Passarinho”. A percepção sobre o dia a dia de trabalho e luta dos professores, para manter em funcionamento o espaço, levaram a propor a criação de uma pequena biblioteca que pudesse ser utilizada como instrumento educativo auxiliando o trabalho dos professores.

Foi pensado um pequeno acervo para apoiar atividades extraclasse e de formação de leitores de forma agregadora entre escola e comunidade, além de ser utilizado como um marketing positivo do trabalho da escola na região.

Naquele momento deu certo. Iniciou-se, a partir daí a criação da Biblioteca Escolar “Voo dos Guarás”, em conjunto com os professores, recebendo esse nome por causa da presença abundante do pássaro Guará nas florestas de manguezais que circundam o vilarejo. O significado do nome escolhido e aceito pela maioria dos presentes, segundo a professora Luzinete, então responsável pela escola, “representaria um voo de liberdade que poderia ser dado pelas crianças a partir do ato de aprender a ler”.

Ainda segundo a professora, “a leitura proporciona isso nas pessoas. Serem livres e poderem ir onde quiserem a partir da imaginação e do aprendizado que a leitura e o conhecimento podem proporcionar aos alunos”. E a escolha do pássaro Guará, além de sua abundância na região, deu-se por causa da cor, já que “o Guará é o pássaro mais lindo que a gente conhece, e é farto por aqui. Eles andam em bando nesse mangal de meu Deus. As revoadas são uma beleza. Eles têm a cor vermelha viva, cor de sangue, cor de vida, cor de futuro, e nossas crianças merecem esse futuro vivo”, disse ela.

Após a escolha do nome para o espaço, uma das salas logo na entrada da escola foi cuidadosamente pintada e arrumada para receber, desde abril de 2019, os livros arrecadados a partir de doações. As campanhas foram organizadas e realizadas



entre amigos, conhecidos e simpatizantes da causa da leitura e da criação de bibliotecas na Região Metropolitana de Belém, por dois anos (2018 e 2019).

O acervo da Biblioteca Escolar Voo dos Guarás, até o final de 2020, contava com aproximadamente 600 exemplares de livros, principalmente, de literatura infantil, gibis, didáticos e paradidáticos, adquiridos totalmente a partir de doações. O acervo auxiliava nas atividades realizadas pelos professores até o fechamento da escola em 2020, ano marcado pelo início da pandemia. Todos os professores se revezam para manter o espaço organizado e em funcionamento diariamente em uma dinâmica interessante de ocupar e fazer funcionar para que tal ação tivesse impacto positivo nos próximos resultados avaliativos, de alunos e da escola.

Ainda em 2019, um pouco antes do fechamento da comunidade para tentar proteger os moradores dos efeitos da pandemia do novo Coronavírus¹, foram repassadas as etapas da rotina de trabalho em uma biblioteca e a importância de sua organização e dinamização nas atividades educativas da escola.

Segundo os relatos dos professores, as dificuldades de leitura eram um dos grandes problemas, além de outros que vão desde a falta de interesse das crianças até a carência de materiais para serem utilizados nas atividades. Com a criação desse espaço e a reunião do acervo da Biblioteca “Voo dos Guarás”, buscou-se ajudar a minimizar parte desses problemas no vilarejo do 40 do Mocooca.

As atividades eram desenvolvidas no espaço da escola e, segundo um dos professores, Roberto Santana Júnior (24 anos), em julho de 2019, mesmo sendo

1 Epidemia que começou na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, e rapidamente se espalhou pelo mundo. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto do novo Coronavírus (2019 -nCoV) constituía-se numa Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existiam surtos de COVID -19 em vários países e regiões do mundo. No Brasil, foi identificado o primeiro caso de infecção pelo novo Coronavírus no final de fevereiro de 2020, mesmo período em que a Europa já registrava centenas de casos. Dois anos se passaram e o mundo ainda apresenta milhares de casos em uma quarta onda de contaminações, que ocorre a partir das várias mutações do vírus. A população mundial começou a ser vacinada em 8 de dezembro de 2020 no Reino Unido. No Brasil a vacinação iniciou em 17 de janeiro de 2021, quando o País já tinha alcançado a marca de 210 mil mortos pela doença. Conforme Samira Asma, Diretora-geral/assistente da Divisão de Dados e Análises da OMS, estimativas dão conta de que cerca de 6 a 8 milhões de pessoas morreram em razão da Covid-19 no mundo até o final de 2021. Fonte: OPAS; OMS, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt>.



período de férias, “abriu com chave de ouro as ações” a pequena Biblioteca “Voo dos Guarás” da Escola Municipal Jarbas Passarinho da comunidade do 40 do Mocooca, justamente por iniciar com a organização e o treinamento dos professores para dinamizá-la no início das aulas do próximo semestre.

Ao presenciar e descrever tais acontecimentos relacionados à educação nesse vilarejo distante da Amazônia, percebe-se que as dificuldades dessas pessoas não se resumem a uma divisão entre possuir ou não estruturas para desenvolver um trabalho necessário, especialmente em comunidades desprovidas ou com pouco apoio governamental. Embora sejam em áreas rurais, essa, como muitas outras, pequenas ou grandes comunidades, deveriam ter seus direitos constitucionais de acesso à educação de qualidade garantidos em todas as regiões do país. Embora seja importante que se diga que a educação se constitui de uma sequência de ações que devem ser praticadas para que se chegue ao que está prescrito na Lei Maior, ou seja, para que se consiga plenamente o desenvolvimento da pessoa, contribuindo para a cidadania e a qualificação para o trabalho.

Por ser um processo contínuo, que se inicia no nascimento do indivíduo, a família tem papel fundamental, antes mesmo da escola. Cabe à família e ao estado o dever de cuidar, transformando-os em sujeitos com direitos e deveres na sociedade. Mas e quando esse processo educacional não entrelaça vivências cotidianas e os modos de vida dessas pessoas com a educação formal proporcionada pelo estado? O que se pode esperar desse processo de formação do sujeito?

Nesse ponto, a opinião da professora que estava a frente dessa escola importa sobremaneira para pensar e desenvolver as ações propostas a partir da extensão universitária feita no âmbito da Biblioteca Benedicto Monteiro/UFGA-Campus Ananindeua.

A professora Luzinete apontou vários problemas que podem surgir dessa separação, do que se vive de fato no cotidiano da sua casa, da sua rua, nas relações familiares, no vilarejo com o que se aprende na escola a partir das orientações curriculares. Uma discussão que pode ser feita com base no documento do Ministério da Educação, publicado em 2017, intitulado Base Nacional Comum Curricular, induzindo à,



[...] concepção do conhecimento curricular contextualizado pela realidade local, social e individual da escola e do seu alunado, que foi o norte das diretrizes curriculares traçadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) ao longo da década de 1990, bem como de sua revisão nos anos 2000 [numa tentativa de] incluir, valorizar as diferenças e atender à pluralidade e à diversidade cultural e as várias manifestações de cada comunidade (BRASIL, 2017, p. 11).

Essa questão está muito clara na opinião de Luzinete no âmbito educacional local e global, ao dizer que “as questões locais precisam fazer parte do que é ensinado na escola”.

Quando se aborda essas questões apresentadas na narrativa da professora, do ponto de vista dos estudos culturais, é possível fazer uma relação com a educação formal realizada em nível local, uma análise provocada a partir de leituras sobre a relação local e global de Burke (2021), onde é possível perceber uma baixa estima no discurso dos professores, especialmente quando se apresentam os relatos dos pequenos eventos locais, de experiências vividas cotidianamente por essas pessoas no seu dia a dia, seja na escola, seja na igreja, seja no lazer ou em família, e os incluem como contributo na (re)escrita da história dessas comunidades.

Nesse ponto, consegue-se relacionar tais narrativas, com o que Sarlo (2007, p. 24) aponta como “uma presença real do sujeito na cena do passado”. E isso importa para os trabalhos que podem ser realizados localmente a partir de ações que envolvam acervos, livros, pessoas, ambiente, cultura, inclusão, indo de encontro ao que este trabalho e a autora sustentam sobre “não haver testemunhos sem experiência, e tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência. Redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável” (SARLO, 2007, p. 24).

É isso que Luzinete e todos os outros indivíduos, cidadãos, pessoas incluídas nos processos educativos fazem, eles libertam suas memórias através da sua narrativa, contam suas experiências e vivências para que possam ser incluídas nas ações propostas e desenvolvidas nessas comunidades através da biblioteca.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse cenário de possibilidades e ações de fato desenvolvidas proporcionaram a criação da Divisão de Pesquisa e Extensão na Biblioteca do *Campus* Universitário de Ananindeua da UFPA. Até então, funcionando de maneira informal, a partir de uma iniciativa isolada, agora sendo abraçado pela atual gestão desdobrando-se em um novo setor incluído no seu regimento interno e oficialmente colocado em prática em uma nova proposta já em fase de elaboração para ser desenvolvida com novas parcerias, iniciando na região de ilhas do município que abriga o *Campus*, Ananindeua.

Uma educação inclusiva e que atenda todas as necessidades dos indivíduos não pode segregar e nem diferenciar no tratamento das populações, muito menos se pode pensar, que por ter um modo de vida diferenciado, uma determinada comunidade não precise receber educação formal do estado. Os direitos garantidos pela Constituição são para todos os povos, sem distinção de origem e localização dentro do país. Os projetos de extensão podem contribuir nesse processo indo além dos muros institucionais e se fazendo presente nas comunidades através de ações educativas apoiadas por parcerias entre a instituição e setores da sociedade, públicos ou privados, que se interessam em contribuir e incentivar os trabalhos.

REFERÊNCIAS

ANANINDEUA (PA). Secretaria Municipal de Educação. *Censo Escolar 2016*. Ananindeua: SEMED, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 09 abr. 2022.

BURKE, Peter. A esperança tem história? *Estudos Avançados*, v. 26, n. 75, São Paulo, maio/ago. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000200014. Acesso em: 15 jan. 2021.



FERREIRA, R. da S. Transpondo muros, construindo relações: uma reflexão sobre bibliotecas universitárias e extensão no Brasil. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 75-88, jan. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1912>. Acesso em: 04 jul. 2022.

FIGUEIREDO, E. M.; BARBOSA, F. T. N. Escolas, bibliotecas escolares e a extensão universitária na UFPA, Campus Metropolitano de Ananindeua, Pará. *Em Extensão*, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 155-178, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/38901>. Acesso em: 04 jul. 2022.

FIGUEIREDO, E. M.; BARBOSA, F. T. N. A extensão na UFPA Metropolitana e a capacitação de professores da rede pública municipal de Ananindeua-PA: relatos de uma experiência exitosa. *Revista Práticas em Gestão Pública Universitária*, v. 2, n. 1, jan. / jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/pgpu/article/view/10704/11004>. Acesso em: 04 jul. 2022.

SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

UFPA. Campus Universitário de Ananindeua. *Histórico: por um Campus metropolitano na Amazônia*. Ananindeua: UFPA, 2022. Disponível em: <http://campusananindeua.ufpa.br/index.php/historico>. Acesso em: 04 jul. 2022.

AGÊNCIAS FINANCIADORAS

As duas primeiras experiências foram financiadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX 2016 e 2017) e, a última pelo Programa de Auxílio à Qualificação (ProQuali/UFPA 2020), ambos da UFPA.